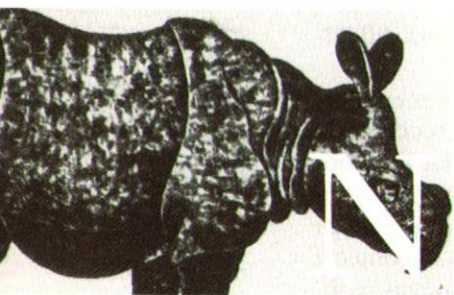


O R I N O C E R O N T E

**PEGADAS
NA TORRE**

EXPOSIÇÃO
TORRE DE BELÉM
JAN. 92 • JUN. 92





O RINOCERONTE NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL

a realidade, nós não sabemos se terá existido, de facto, o unicórnio. Em todo o caso, ele era descrito em todos os bestiários, nos quais ocupava um lugar de extrema importância.

A primeira descrição conhecida deste animal fantástico foi feita por Ctésias na sua obra "Índica, cap. XXV". Dá-lhe a forma de um ónagro, ou burro selvagem, a cabeça de cor púrpura, os olhos azuis escuros, com um longo corno que se eleva do meio do seu focinho. Este corno é escarlate na parte superior, negro ao meio e branco na base.

No séc. XV, viajantes como Bernardo de Breydenbach, ao atravessarem o Médio Oriente, falam de um unicórnio no monte Sinai, com corpo de cavalo, patas de elefante, cauda de porco e, em perpétua hostilidade com o elefante.

Os autores antigos localizam-no em diversos lugares, Etiópia, Índia, no Reino de Basman e na China.

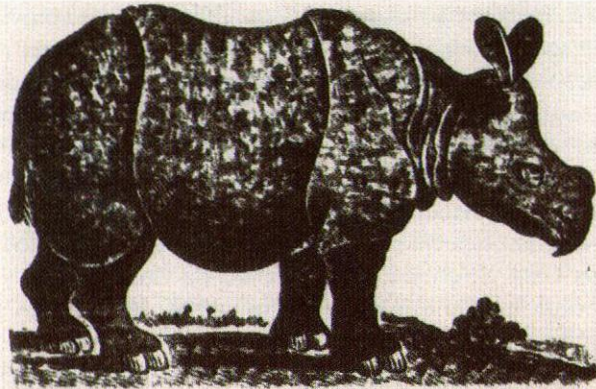
Mas todos são unânimes quando afirmam que tem por inimigo o elefante e, que os seus amigos eram os pássaros. Descrevem também que para combater o elefante, o unicórnio afiava primeiro o seu corno numa pedra.

As superstições relativas a estes animal fantástico são numerosas.

Procurava-se, particularmente, o seu corno que tinha entre outros poderes o de evitar a peste e os venenos. Segundo uma descrição de Ctésias, os habitantes das Índias, fabricavam com ele taças de libação que tinham a propriedade de se quebrar quando nelas era deitado veneno. Ctésias afirmava ainda que quem usasse uma daquelas taças nunca mais estaria sujeito a convulsões ou epilepsia.

Bochart relata-nos, a partir de textos árabes, que os príncipes do Oriente mandavam fazer cabos de adaga com cornos de unicórnio, os quais se cobriam instantaneamente de suor quando cortavam alimentos envenenados.

Mais tarde começamos a ver estas virtudes também atribuídas ao rinoceronte, que no Oriente era também conhecido por unicórnio. Plínio, na sua História Natural, é o primeiro a descrever este animal e a relatar os seus fantásticos prodígios.



The RHINOCEROS,
OR
Real UNICORN,
Just arrived at the
LYCEUM,
NEAR
EXETER - CHANGE
In the STRAND,

FROM the Empire of the GREAT Mogul, he was presented to an English Nobleman by an EASTERN RAJAH, as a Rarity seldom to be met with, and His Lordship has complimented the curious of his native Country by presenting him to a Gentleman who has carefully brought him home for their Inspection

HE is about two Years old in perfect Health

THIS wonderful Beast with his Impenetrable COAT OF MAIL and other singularities is so fully described and admired by Naturalists in general, that we presume it is sufficient to inform those who Contemplate and Admire the boundless Productions of the Creation, that this Herculean Quadrupede is to be seen as above.

Admittance One Shilling each Person.

Seguem-se-lhe Estrabão e Pausânias que tal como Plínio descrevem este assombroso animal, dando especial relevo à sua inimizade com o elefante.

Segue-se então um longo período durante toda a Idade Média, em que os relatos acerca do rinoceronte são escassos ou praticamente inexistentes.

Este período vai terminar com a chegada de um rinoceronte a Lisboa, oferecido pelo Rei de Cambaia ao Rei D. Manuel.

Este animal que imediatamente despertou a atenção da Europa, pelo ineditismo e pela sua carga exótica foi mandado juntamente com muitos outros numa Embaixada ao Papa Leão X, chefiada por Tristão da Cunha.

A manobra diplomática que foi esta Embaixada, teve como consequência imediata a transformação da imagem que transparecia de Portugal.

Assim, o nosso País passou a constituir um verdadeiro empório de exotismo. Esta imagem de insólito e exótico foi, imediatamente entendida e integrada pelos cortesãos portugueses que alteraram os seus gostos, quer a nível de moda quer a nível alimentar, redecorando palácios e casas religiosas para que se concretizasse, verdadeiramente a aparência insólita de Portugal.

Por outro lado, no que diz respeito aos países da Europa, as Grandes Navegações Marítimas Portuguesas deixaram de ser um fenómeno que somente banqueiros e comerciantes olhavam com certa curiosidade, para se tornarem numa porta aberta para o imaginário dos novos mundos, pela qual passavam tanto produtos do longínquo Oriente como também objectos criados em África que iam enriquecendo colecções e gabinetes de curiosidade de príncipes e casas senhoriais de toda a Europa.

Esta sede pelo desconhecido teve natural reflexo nos personagens mais atentos da época — os artistas — que com os novos elementos podiam enriquecer conhecimentos ao mesmo tempo que criavam uma nova linguagem iconográfica que satisfazia a sua clientela.

Circulavam, então pela Europa e, também entre nós, compilações de gravuras que serviam de modelo aos artistas para a realização das suas obras. Devido às excelentes e quase familiares relações existentes entre os feitores portugueses e a comunidade Flamenga, as obras gráficas depressa chegaram até nós tendo aqui um grande impacto e difusão. Dürer o mais activo artista do norte da Europa apercebeu-se imediatamente da importância que a feitoria portuguesa podia ter para lhe proporcionar novas imagens do desconhecido longínquo e, estabelece uma relação estreita com os nossos feitores. Desta relação estreita, cordial, diríamos mesmo familiar, é testemunho, entre outras obras, o retrato a buril de Katherina, Criada Negra do Feitor João Brandão.

No diário de Dürer estão descritas todas as trocas de oferendas entre ele e os feitores portugueses, as quais constituem uma grande diversidade de produtos que vão desde as pedras preciosas às sedas, às penas de pássaros raros e mesmo animais exóticos.

Também o rinoceronte oferecido pelo Rei de Cambaia não escapou à curiosidade de Dürer.

Apesar de ter sido gravado por vários outros artistas, este rinoceronte constituirá um protótipo que irá permanecer no imaginário europeu até ao séc. XVIII, mesmo com as incorrecções na sua representação. Só com o crescente interesse científico baseado na sua observação se irá alterar esta situação.

Poderíamos concluir todo este processo, observando que Portugal passa da situação de exportador de imagens exóticas, à de importador dessas mesmas imagens. Para tal terá, certamente, contribuído o facto dos Portugueses não sentirem tão profunda a diferença entre eles e os Novos Mundos que contactavam pioneiramente. Os Novos Mundos para os Portugueses, eram o seu quotidiano, o que contrastava com a outra Europa, sobretudo a Continental e interior.

Assim, teriam sido estes últimos, nomeadamente os germânicos, a sentir a necessidade de atestar, na gravura e noutras expressões artísticas, essa distância entre os diversos mundos.

Mas uma coisa não podemos esquecer; foi o nosso pioneirismo ao nível das Grandes Navegações que proporcionou ao Ocidente um novo gosto, um novo imaginário.

Ana Anjos Mântua